

Carlos Camarã Lima

"Que fait un regard
substituer à l'absolu?"

pg. 2 pgs no fim
Encore et toujours

Parler de ces choses?"

-Guillevic

3A



O que me tem maravilhado em Eduardo Lourenço é a sua capacidade de pensar profundamente a partir de factos aparentemente banais.

Não houve sobressalto desta nossa às vezes tele-novela política, não houve episódio discreto ou forte, não houve circunstância susceptível de inflectir a história, que deixasse intocado o sismógrafo ultra-sensível da reflexão de Eduardo Lourenço. As palavras de um, o gesto de outro, os silêncios de alguns, as grandes questões institucionais, as pequenas questões da relação de forças na corrente quotidiana da sociedade, tudo tem sido ~~sempre~~ metamorfoseado, pelas palavras de Eduardo Lourenço, em outros tantos marcos do nosso caminho democrático, deste nosso aprender ainda tão balbuciante.

Quem quiser um dia exprimir o que de mais forte e independente existiu como pensamento democrático após o 25 de Abril, deverá necessariamente agarrar nos textos de Eduardo Lourenço e com eles construir uma antologia do pensamento e do comportamento democráticos.

Para tudo olhou e de tudo extraiu a raiz, o sentido, o porquê e o como. Tudo lhe foi ocasião de reflexão - e em cada ocasião transpareceu o vigor da cultura europeia de que muitos se reclamam sem lhe conhecerem o gosto nem a densidade. Quando os acontecimentos pareciam aqui, de qualquer varanda lisboeta, apenas o fruto da incompetência lendária de uns, da perene hesitação de outros, da epidemia de passividade galopante de muitos, da ~~total~~ ausência de imaginação ^{de} e vontade de quase todos, quando tudo parecia trivial e sem fôlego, Eduardo Lourenço olhava ~~para isso tudo e retirava~~ dessa ganga informe, pela alquimia de uma acutilante lucidez e de uma palavra sempre precisa e exacta, o grama de ouro cujo brilho ~~fazia esquecer a fonte de que brotara. E esse brilho dava~~ novo sentido à construção ~~em~~ que nos empenháramos.

~~Muitos momentos se iam escoando num tempo baço, parco de esperanças.~~ Os factos que íamos vivendo, encarados à luz das grandes questões que se punham na Europa e no mundo, pareciam

e vários de futuro.
 insignificantes, incapazes como eram de contribuir para dar ao povo português uma vida diferente e ao nosso país o destino dos séculos futuros. Mas até esses factos, que não chegavam a se-lo *por se perderem na simples agitação da superfície* — que eram apenas agitação de alguns em mal de capacidade de realização efectiva — até esses factos, quando trabalhados por Eduardo Lourenço, *ganham relevo na paisagem chata, adquiriam um significado que lhes deu medida histórica.*

A pertinácia de Eduardo Lourenço, o seu contínuo "martelar" na matéria compacta do nosso mundo político, teve, em cada caso, esta impressionante consequência: as histórias transformaram-se e passaram a ser História. A minúcia arguta com que Eduardo Lourenço retomou uma e várias vezes esses factos, de início sem história, conduziu-o a elaborar o que podemos chamar "uma pedagogia da democracia".

"Des haies.

Que fait un regard
 Que rien n'arrête?"

-Guillevic



Fundação Cuidar o Futuro
 A volta de nós, neste país de manhãs de nevoeiro, há sebes que nos cercam e que nenhum olhar parece poder penetrar. Os actores da cena política põem-se em bicos dos pés e acotovelam os restantes para serem vistos e conhecidos. Ocupam por um tempo a ribalta e desaparecem. Que fazer num país que em 12 anos teve mais de 500 governantes? É quantos *amigos* actuando nos chamados almoços-de-trabalho ou fazendo dos gabinetes oficiais quartéis-generais de batalhas imaginadas? Pior ainda é o cerco das ideias. Na pobreza dos projectos políticos, no seu espantoso irrealismo, no curto prazo a que tudo se reduz, no menor denominador comum dos consensos/compromissos, perdem-se as ideias geradoras de energia e capazes de criar uma vida melhor para todo o povo.

Mas Eduardo Lourenço está vigilante. O seu olhar agudíssimo e vivo *de Ed. Lourenço* (quem não se interrogou mil vezes durante uma conversa com Eduardo Lourenço sobre o que ele " vê" e que o interlocutor não enxerga?), esse seu olhar distingue, separa, e vai captar na sua mira, com microscópico zelo, a

é um olhar q
 pessoa ou a ideia. *o outro* O olhar de Eduardo Lourenço restitui a dignidade, *ela* retribui a singularidade. É um olhar criador. Faz o que nesta incipiente democracia ainda se não tornou hábito de convivência e de trabalho: separa para poder unir; distingue para poder congrega e fazer convergir.

Nenhuma sebe, por mais emaranhada que seja, é obstáculo para o olhar de Eduardo Lourenço. Os factos e as suas raízes, as pessoas e as suas motivações, os acontecimentos e os seus labirintos, são por *olhados* ele vistos com o olhar inocente *o* céptico de quem, tendo visto muito, sabe que ainda nao viu nada. Talvez por isso o olhar de Eduardo Lourenço seja um *mais que* olhar curioso sobre *o que acontece* todas as coisas. Há *nele* *simples* uma dimensão outra da percepção *que nos abençoa* que me entusiasma. Nao é só a explicação do enca-deado (i)lógico das coisas. Nao é só a ligação escondida, vista por dentro, entre seres e ideias. Não é de modo nenhum o olhar de quem *quer* armazenar informação neste tempo de mero consumo mesmo dos bens maiores. É que esse olhar exprime o que de mais profundo a curiosidade tem: o desejo insaciável de penetrar o invisível.

Fundação Cuidar o Futuro



4

Qu'est-ce
Qu'on entend courir
Quand rien ne bouge?

- Guillevie



Duas ou três vezes, ao longo destes anos, ouvi do outro lado do fio, ^apergunta angustiada (ou só perplexa, Eduardo?): "Mas não se passa nada? Ninguém se mexe aí?" Convenhamos que temos vivido uma história apática, somatório de hesitações, de cálculos pessoais, de inépcias insuspeitadas. Uma imensa abulia parece ter penetrado o corpo social que, em movimento de amiba, se plasma e se afaz ao modelo do momento, sem resistência nem revolta.

Muitos, nesses momentos, deixam o tempo escoar-se com a esperança ingênua e mágica de que a história venha ter com eles em hora e dia aprazados. Têm o poder e não sabem como usá-lo. Sabem que há soluções e deliberadamente ignoram-nas. Têm ao seu lado o poeta, o cientista, o pensador - e entregam-se, de mãos atadas, ao amanuense que os adula.

Outros, nesse tempo de calma, voltam sossegadamente ao seu negócio. Constroem então uma cultura narcissista que, importada de outras terras em que a abundância talvez a legitime, aqui é roubo aos outros, defraudamento da riqueza que por todos deve ser partilhada.

Mas nesses momentos alguém se mexe. Alguém diz que a acção é agora e não mais tarde. Que o lugar decisivo não é aquele que um dia se há-de ocupar mas aquele onde se está. Que o adiar das soluções é o adiar da sobrevivência quotidiana de uma população, é, quem sabe?, o adiar da sobrevivência política de um povo.

Eduardo Lourenço nesses momentos é violento. A sua palavra corre, fustiga uns e outros. Sacode a imobilidade que a precaução e a inércia geram (Não se canse, Eduardo, de correr assim "quand rien ne bouge"!)



5
"Etreindre la distance."

-Guillevic

Nem todos somos capazes de estar perto, vivendo longe. De estar longe, vivendo perto. Ignoramos ou generalizamos, se vivemos longe. Exageramos ou minimizamos, se vivemos perto.

O relacionamento dos actores da vida política portuguesa com o espaço que habitam tem sofrido dessa lei quase universal. Mergulhados muitos (a maioria) no que vivem perto, o resultado global é idêntico ao que se passa no interior do átomo quando as distâncias entre as partículas diminuem excessivamente: dá-se o colapso interno, o átomo cai para dentro de si mesmo. A identidade perde-se, a energia escoa-se. Outros vivem longe - não em quilómetros, mas em vontade. Há refúgios de "cinco estrelas" - concertos, exposições, viagens, discussões no espaço sideral de uma cultura liberta da lei da gravidade, da proximidade das coisas terrenas aqui, neste lugar. Há refúgios mais modestos e privados - os que se designam como direito ao "meu tempo", ao "meu prazer". São uns e outros os auto-exilados da história concreta.

Por isso procuramos avidamente quem, vivendo perto, seja capaz de estar longe, de olhar as coisas na sua globalidade, no sentido que têm, enquanto parte de uma cultura toda ela em transformação.

E procuramos ainda mais avidamente quem, vivendo longe, seja capaz de estar perto, de descobrir em cada coisa a sua novidade própria, de nela encontrar a nossa forma portuguesa de ser.

Uma e outra atitude encontramos em Eduardo Lourenço. Trabalhando e vivendo em França. E aí seguindo e cogitando com idêntico interesse sobre o "pas-de-quatre" da vida política francesa e os mais pequenos pormenores da vida política portuguesa. Relacionando, explicando, conjecturando - mas sempre abrindo caminho neste jogo cruzado de inter-dependências e mimetismos inconscientes que é a vida política entendida à escala de um continente ou do globo.

Mas - e aí reside o inédito - uma vez aqui, nesta terra, Eduardo Lourenço é um ouvido atento a vozes que nós já não ouvimos, traz de longe uma capacidade única de viver pertto, onde o anódino nunca é banal, onde a gargalhada saudável reduz às suas proporções as lutas contra fantasmas, onde o interesse, a curiosidade e a paixão dão cores novas à realidade e até fazem olhar com ternura compadecida a nossa colossal inadequação ao real.

Quando Eduardo Lourenço prescruta a realidade portuguesa, vem de longe, talvez de um mundo seu onde as coisas estão certas e em harmonia. Ele é, no gosto e na inocência das suas observações, o "Grand Meaulnes" deste nosso domínio.

É que nele a paixão permite realizar o sonho escondido de todos nós: estar em toda a parte, "abraçar a distância".



Fundação Cuidar o Futuro